



Editorial

A *Revista de Filosofia Aurora* oferece a seus leitores uma importante contribuição para o pensamento filosófico contemporâneo. Desta feita, trata-se do dossiê *Michel Foucault: um pensamento em movimento*, que percorre os trabalhos do filósofo francês, seus interlocutores e seus desdobramentos na atualidade. Organizado pelo Prof. Cesar Candioto, do PPGF/PUCPR, e com a colaboração de pesquisadores da França, Itália, Argentina, Chile e Brasil, os artigos apontam a pertinência das arqueologias e genealogias de Foucault para a filosofia, entendida como exercício do pensamento e diagnóstico do presente.

O título do dossiê indica tanto o inacabamento da publicação dos ditos e escritos de Michel Foucault quanto a ressonância de seus conceitos e problemáticas entre outros teóricos contemporâneos. No primeiro caso, pode ser destacado um conjunto de edições póstumas que atesta a vivacidade de seu espólio intelectual: 1) os *Dits et écrits* (1994, 4 vols.); 2) os cursos no Collège de France (1997-2015, 13 vols.); 3) as conferências na Universidade de Lovaina, *Mal faire, dire vrai: fonction de l'aveu em justice* (2012); 4) o quarto volume de *Histoire de la sexualité: les aveux de la chair* (2018); 5) os volumes dedicados às conferências de Foucault no final dos anos setenta e oitenta, na França, nos Estados Unidos e no Canadá publicados, desde 2013, pela coleção *Foucault inédit-Philosophie du présent*, da editora Vrin; 6) as entrevistas do dossiê *Irã: Entretien inédit avec Michel Foucault 1979* (2013) e *Michel Foucault, l'Iran et le pouvoir du spirituel : l'entretien inédit de 1979*, publicada pelo *Le Nouvel observateur* (2018); 7) As conferências *La sexualité*, suivi de *Le discours sur la sexualité* (2018), da Coleção Hautes études; 8) Esta coleção, uma co-produção das editoras EHESS, Seuil e Gallimard, trará a público uma série de textos inéditos intitulada, "Cursos e trabalhos de

Michel Foucault anteriores ao Collège de France”, atualmente discutidos no Seminário “O projeto arqueológico de Michel Foucault”¹, organizado na Université Paris VIII. Trata-se do terceiro grande projeto editorial em torno do pensador, depois dos *Dits et écrits* e dos Cursos no Collège de France, promovido pelo Centro Michel Foucault² e outros laboratórios de pesquisa.

Os manuscritos já publicados e outros em vias de publicação têm como fontes primárias os arquivos de Foucault depositados no IMEC, na Abadia de Ardenne, em Caen, e, especialmente, o “Fundo Michel Foucault”, conservado na Biblioteca Nacional da França (NAF 28730). Contando com um número monumental de manuscritos e textos datilografados distribuído em caixas com diferentes temáticas — inclusive, com documentos primários consultados por Foucault —, este Fundo dispõe de materiais valiosos para os interessados na trajetória do pensador francês.

O inacabamento do pensamento de Foucault também pode ser evidenciado pela discussão e apropriação recorrentes de conceitos considerados já clássicos no pensamento contemporâneo: saber, episteme, analítica do poder, disciplina, biopolítica, governamentalidade, dispositivo, atitude crítica, acontecimento, verificação, aleturgia, subjetivação, cuidado de si’, hermenêutica do sujeito, *parresia* e assim por diante. Esses e outros conceitos, assim como as estratégias analíticas da arqueologia e da genealogia têm inquietado importantes interlocutores e críticos de Foucault, assim como inspirado diversos outros, ainda em atividade. Podem ser referenciados somente aqueles estudados pelos articulistas deste dossiê e cuja repercussão teórica tem sido igualmente inquestionável, tais como: Jean-Paul Sartre, Lacan, Deleuze, Canguilhem, Balibar, Detienne, Macherey, Agamben, Esposito, Butler e Mbembe.

A *Revista de Filosofia Aurora* tem sido um dos canais importantes da divulgação do pensamento de Michel Foucault e seus interlocutores. Além da frequência de artigos que exploram suas análises na seção de fluxo contínuo, o dossiê *Michel Foucault: um pensamento em movimento*, é o quinto que lhe é dedicado, tendo sido precedido pelos seguintes

¹ Disponível em: <<http://www.la-philosophie.fr/2019/04/seminaire/le-projet-archeologique-de-michel-foucault.html>>.

² Veja-se todas as informações sobre o Centro no site: <<https://centremichelfoucault.com/>>, atualmente presidido por Philippe Sabot, da Université de Lille.

outros: *Foucault e Deleuze* (n. 21, v. 28, 2009), *Parrhesia* (n. 23, v. 32, 2011), *Política e Biopolítica* (n. 25, v. 37, 2013), *Foucault e as Palavras e as Coisas* (v. 28, n. 45, 2016). Os artigos que compõem este dossiê evidenciam a circulação intensa do pensamento de Foucault no Brasil e sua interação com pesquisadores da América Latina e da Europa, resultado de vários anos de trabalho conjunto.

No artigo inaugural, “De Foucault à Butler, en passant par Sartre. L’impossibilité du ‘nous’?”, Philippe Sabot pergunta-se pelas condições de formação de um coletivo, de um “nós”, para além de uma coleção de individualidades. A sublevação de um povo pode levar à formação de um coletivo, ou ela não passa de um gesto que se esgota em sua própria verticalidade? A problemática da constituição de um “nós” está presente em Foucault. Porém, conforme é sugerido, ela permanece inacabada quando se trata de cotejar o nascimento de um coletivo em luta. Essa é a razão pela qual é justificável examinar sua possibilidade (ou impossibilidade) nos trabalhos de Sartre e nas recentes investigações de Butler.

André de Macedo Duarte e Maria Rita Cesar, em “Crítica e coalização: repensar a resistência com Foucault e Butler”, problematizam o estatuto prático e teórico da resistência nas lutas dos movimentos sociais de caráter identitário. Diante dos “embates fratricidas” entre militantes de movimentos sociais na defesa de identidades cada vez mais rígidas, o enfraquecimento dos sujeitos da resistência é um efeito indesejado. De onde a necessidade de retomar a relação entre resistência e atitude crítica em Foucault, bem como a possibilidade de uma política de coalizão pela leitura do pensamento pós-identitário de Butler. Essa política, no entender de Duarte e César, pode resguardar as diferentes demandas de reconhecimento e ao mesmo tempo fortalecer os sujeitos da resistência.

Em “Modes de subjectivation et pratiques de liberté autor des délits de solidarité”, Senda Sferco indica como no contexto da crise migratória global, a solidariedade e a fraternidade em relação aos imigrantes tornaram-se atos de desobediência e, por isso mesmo, criminalizados. Ela se pergunta pelos modos concretos de subjetivação, pelas práticas de liberdade e pela atualidade do embate entre as práticas concretas de hospitalidade diante das novas investidas das práticas

governamentais estatais que, em nome da segurança, assumem a exclusividade da hospitalidade, transformando-a em hostilidade.

Yuing Tuillang e Adam Salinas Araya, no artigo “Focos y desenfocos en la analítica del poder. Apuntes metodológicos”, retomam um conjunto de precisões estratégicas e metodológicas em torno da analítica do poder, especialmente a questão da positividade (produtividade) do poder e a centralidade da noção de tecnologia.

“De que vida trata a biopolítica? Considerações sobre a inversão foucaultiana da máxima aristotélica”, é a contribuição de Marcos Nalli. Sua análise toma como ponto de partida a passagem antológica de *História da sexualidade I: A vontade de saber*, na qual evidencia-se uma suposta “inversão” entre vida e política, desde a concepção de homem no sentido aristotélico à sua produção moderna por parte da biopolítica. Se para o Estagirita o homem é um ser vivente e, além disso, capaz de existência política, na modernidade é a vida do homem que se torna uma questão para a política. No entender de Nalli, não estamos diante de uma inversão, mas da introdução de algo novo, que é o enquadramento biológico da vida.

As relações e ambiguidades entre as noções de poder soberano, governamentalidade biopolítica e racionalidade política neoliberal são retomadas por André Constantino Yazbek no escrito “Soberania e Biopolítica: dos nexos entre poder soberano e biopoder no pensamento político de Michel Foucault e de seus usos na atualidade”. O autor também contempla o nexo entre biopoder e violência soberana estatal em Giorgio Agamben, Roberto Esposito e Achille Mbembe.

Em “Foucault e as dramaturgias de Édipo-Rei”, Fabiano Incerti examina a maneira como Foucault apresenta o trágico como um modo de saber transgressivo, proibido, temível que se opõe à conaturalidade e à harmonia do conhecimento, próprio da filosofia universalista de caráter racional. Em suas leituras da tragédia sofocleana Édipo-Rei, Foucault elabora os limites da vontade histórica do saber ocidental a partir de uma dramaturgia da verdade na qual o olhar, o tempo e o espaço ocupam um lugar fundamental.

“Verdade-acontecimento e alteração no pensamento de Michel Foucault” é a contribuição de Daniel Verginelli Galantim. Ele parte da

importância da noção de verdade-acontecimento, para além de sua oposição à verdade-demonstração estabelecida no curso de 1974, *O poder psiquiátrico*. A relação entre verdade e ficção, no sentido de produção de algo que não existe ainda, assim como a problematização da *parresia*, inscrita no interior de uma dramática do dizer verdadeiro, são diferentes maneiras de afastamento de uma verdade normativa.

As relações entre sujeito e verdade são centrais no pensamento de Michel Foucault, conforme lemos no texto de Salma Tannus Muchail e Márcio Alves da Fonseca, “*Parresia* e confissão: uma genealogia do sujeito moderno”. Estas duas modalidades de veridicção, embora circunscritas ao passado, abrem-se ao nosso presente, no sentido de que apontam para a constituição do sujeito moderno. Elas são estrategicamente delimitadas pelos autores em suas dimensões histórico-filosófica e jurídico-política.

Os três artigos que dão sequência ao dossiê introduzem temáticas específicas suscitadas pelas leituras de *História da sexualidade 4: As confissões da carne*, livro póstumo de Foucault, publicado no começo de 2018. No primeiro deles, “Subjetivação e veridicção no cristianismo e na antiguidade greco-romana”, Vera Portocarrero analisa os deslocamentos teóricos e práticos do dizer verdadeiro (*parresia*) da antiguidade greco-romana para o cristianismo no terreno dos diferentes regimes da sexualidade. Sua hipótese é que a genealogia desses diferentes regimes sexuais e suas técnicas de si do mundo antigo e suas diferenças não objetivam evidenciar uma herança sobre nosso presente, mas, justamente, como é possível dele nos desembaraçar.

Orazio Irrera, em “*L’empire de l’involuntaire et la volonté de n’être pas gouverné*”, interroga-se pelo estatuto do conceito de vontade e seu alcance político, estabelecendo paralelos entre seu aparecimento na genealogia da relação de obediência no contexto dos estudos sobre a governamentalidade e o poder pastoral do final dos anos setenta e a genealogia da concupiscência da carne elaborada em *As confissões da carne*. O artigo avalia a relação entre o caráter involuntário da concupiscência e o caráter voluntário da vontade. A progressiva valorização deste último em relação ao primeiro é a matriz da constituição do sujeito no Ocidente,

posto que ao torná-lo alguém imputável e responsável, também dele se exige obediência, tornando-o, assim, um ser governável.

O terceiro artigo que envolve o último livro de Foucault é de autoria de Ernani Chaves, intitulado “Do ‘sujeito de desejo’ ao ‘sujeito do desejo’”: Foucault leitor de Santo Agostinho. Na Introdução ao segundo e terceiro volumes de *História da sexualidade* (como, em certo aspecto, também no curso de 1981, *Subjetividade e verdade*) Foucault se propõe a realizar uma genealogia do sujeito de desejo no Ocidente. A relação indissolúvel entre sujeito, desejo, sexualidade e verdade identificada nas leituras que Foucault faz de Agostinho — mas não somente dele — demanda, segundo Chaves, repensar criticamente a história da psicanálise, especialmente em sua versão Freud-Lacan.

O dossiê termina com o artigo de Mônica Stival, “A arqueologia e seus limites”. A questão central estudada é o estatuto da síntese que delimita uma formação discursiva no livro de 1969, e, mais do que isso, o sentido do vínculo que desenha o espaço quase-transcendental de uma episteme, considerando não tanto a descontinuidade que a separa de outra episteme, mas a espessura que lhe fornece um sentido próprio. O artigo sugere que outras perspectivas metodológicas, como a própria genealogia, permitem efetivamente descrever uma rede de acontecimentos, relançada em sua contingência radical.

Fluxo contínuo

Sei que a poesia está para a prosa / Assim como o amor está para a amizade (Caetano Veloso, canção “Língua”). Parafraçando, quanto da prosa kafkiana está contida, em parte, na inspiração político-filosófica de Hannah Arendt para compreensão do drama humano contemporâneo? Franz Kafka, judeu tcheco (1883-1924), talvez tenha sido o romancista que esteve mais próximo de exprimir as agruras do capitalismo, desde os labirintos do poder burocrático à alienação humana sob variadas ordens. Se registrada sua passagem como trabalhador de uma companhia de seguros para acidentes de trabalho, ao passo que escrevia contos, e reconhecido como mulherengo contumaz pelos amigos, um elogio em tempos de aparente assexualidade crescente nos

meios intelectuais, a virulência discreta da sua literatura mostra mais força ainda. Vez que a prosa kafkiana terá inspirado Hannah Arendt, em particular, no escrito “O judeu como pária: uma tradição oculta”, e outro mais explícito, “Franz Kafka: uma reavaliação. Por ocasião do vigésimo aniversário de sua morte”, além de formar substrato dentre outros mais conhecidos, como se lê no artigo “Franz Kafka lido por Hannah Arendt: cultura, formação e política”, de Daiane Eccel. – Afinal, o que seria da Filosofia sem os poemas de Homero e de Hesíodo, sem a poesia de Virgílio, Ovídio, Lucrecio, Dante, Goethe, Milton, Blake, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade?

Sob a concepção de percepção, Simone Weil, nos escritos de juventude, transitando por propostas epistemológicas de Descartes a Kant, entreteceu considerações acerca do tempo: “El tiempo parece la forma misma de la existência”, ao que adita a afirmação de Lagneau: “El tempo, marca de mi impotência”. Do binômio tempo / impotência, os termos combinados referem-se aos nexos entre natureza e existência, em o artigo “Impotência e Tempo nos Escritos de Juventude de Simone Weil”, assinado por Juan Manuel Ruiz Jiménez.

O incontornável tema político — para além da política convencional — do *queer* retorna a pauta da *Aurora*. Desta feita sob o signo do entre corpos, desde a coabitação radical e a produção de seu espaço, de Pablo Pérez Navarro. A originalidade da abordagem fica por conta de “uma leitura crítica dos modos de produção dos espaços de convergência e coligação dos ativismos *queer* e transfeministas da cidade de Madrid”.

Um texto de Michel Foucault publicado, originalmente, em *Ici et Ailleurs*, de 28 de outubro de 2018, intitulado “Emergência dos equipamentos coletivos: Estado do progresso dos trabalhos”, prefaciado por Phillipe Chevalier e traduzido por Marcos Nalli e Tiaraju Dal Pozzo Pez, oferece excelente oportunidade de acesso aos inéditos do Filósofo Francês.

– À boa leitura!

Léo Peruzzo Júnior (PUCPR)

César Candioto (PUCPR)

Antonio Valverde (PUC-SP)